

RACHEL AMPHLETT

ALGUÉM
ESTÁ A
MENTIR

Tradução de
Ana Mendes Lopes

alma
dos livros

1

LISA

Estou viva.
É o primeiro pensamento que me ocorre assim que abro os olhos; sinto as pálpebras pegajosas com lágrimas secas.

Não consigo focar a visão.

Está escuro; pelo menos isso consigo perceber. O silêncio que me rodeia sugere que é de noite — há uma quietude sobre todo o espaço.

Consigo respirar com facilidade. Não tenho a boca e o nariz tapados por nada, mas depois sinto-me tomada por uma tontura tão absoluta, que tenho de fechar os olhos com força para a afastar.

Os músculos do meu lado direito estão rígidos e doem-me, como se alguém me tivesse esmurrado o estômago. Sinto bÍlis no fundo da garganta, um travo amargo que me provoca náuseas, e enrugo o nariz com repugnância.

Não quero estar doente.

Tento falar, mas só consigo produzir murmúrios, como se me tivesse esquecido de como se formam frases completas. Até as palavras mais simples me ultrapassam.

Onde estou?

Porque estou aqui?

Humedeço os lábios com a língua. Estão secos e gretados. A garganta dói-me como se não engolisse nada há séculos.

O barulho de metal a bater em metal estilhaça o silêncio e o meu coração sobressalta-se enquanto tento lutar contra o pânico que se instala em mim.

Esforço-me para ouvir o que se segue. Tenho medo de respirar, não vá perder o que se passa, por isso conto até dez e, depois, até vinte.

É quando ouço o eco.

Inicialmente, o som é débil e o meu cérebro esforça-se por se manter ligado a ele. É um sinal distante, e tenho qualquer coisa a pressionar-me o braço.

A névoa levanta-se por instantes e recordo-me de luzes azuis a piscar, rostos sombrios, um agente da polícia a tomar notas e a falar num tom de voz grave.

O pensamento foge tão depressa como apareceu e a minha cabeça cai inerte para um dos lados, as pálpebras novamente pesadas.

* * *

Duas horas, quatro?

Não faço ideia.

Passo as mãos pelos olhos inchados, assustada com a minha própria fraqueza, com a incapacidade de me manter acordada.

Pressinto que há mais pessoas à minha volta, para lá da periferia da minha visão limitada; o batimento cardíaco aumenta ligeiramente.

Porque estão aqui?

A luz muda à medida que um vulto desfocado passa em frente aos meus pés com uma eficiência criada pela necessidade, e começo a entender.

A seguir, começo a abrir o meu caminho através da escuridão, abro os olhos e semicerro-os para a luz difusa que enche o quarto.

À medida que o vulto desfocado se aproxima da cama e se curva sobre mim, antes de ver os seus lábios a moverem-se e as palavras a formarem-se, apercebo-me da terrível verdade.

Se estou viva, então outra pessoa está morta.

2

LISA

A enfermeira sorri enquanto acaba de me medir a temperatura e debato-me com o meu próprio embaraço e com o rubor que me sobe ao rosto.

Há alguns minutos, ela retirou o cateter que me inseriram durante a operação, por isso podemos dizer que já nos conhecemos deveras bem, muito obrigada.

— Acha que consegue beber um pouco de sumo? — pergunta ela, sem dar conta do meu desconforto.

Assinto com a cabeça.

— Por favor.

A minha garganta constringe-se com ansiedade. Passei a manhã inteira a bebericar água e estou entediada. Preciso de alguma coisa doce. Algo que me escorra pela língua e leve consigo esta sensação de cortiça seca que tenho por ter estado tanto tempo inconsciente.

A única coisa que me impede de atirar os cobertores para trás e fugir da cama para beber sumo é esta dor que sinto no abdómen.

A chuva fustiga a janela ao fundo da enfermaria e estico o pescoço. Consigo ver o topo dos castanheiros altos, agora sem folhas, que

rodeiam o parque de estacionamento do hospital, os ramos austeros contra o ominoso céu cinzento.

Como se estivesse à espera da deixa, o vidro estremece com uma rajada de vento de novembro que se precipita contra ele e rugem com desdém quando não consegue entrar.

Puxo o cobertor em direção ao queixo, colocando, por enquanto, o meu plano de fuga em espera; em vez disso, procuro o calor da roupa de cama.

A enfermeira vê as horas, rabisca uma nota na ficha que tem na mão e mexe em qualquer coisa na máquina perto do meu ombro. Depois, vira-se para o próximo da fila, enquanto fecha uma das cortinas, obstruindo metade da minha já escassa vista.

Suspiro e apoio a cabeça novamente na almofada, a ouvir as solas dos sapatos dela a ranger enquanto atravessa a enfermaria para ir ver do paciente seguinte; depois, estremeço, porque o movimento me força os músculos doridos.

Uma parte de mim está tentada a levantar a camisa de dormir e espreitar, mas a outra encontra-se demasiado aterrorizada com aquilo que poderá encontrar ali por baixo. Assim que o souber, já não poderei voltar atrás.

Consigo presumir o que aconteceu, mas a negação parece-me um sítio ótimo para me instalar.

O cirurgião também não me disse grande coisa quando por aqui passou há pouco. Levantou a camisa de dormir, observou e verificou, falou com os seus alunos, que andam sempre atrás dele como um bando de patinhos atrás da mãe, e depois saiu da enfermaria e percorreu o corredor, sempre com os filhotes na sua peugada.

Não preciso de imaginar como serão as nódoas negras. Consigo sentir cada uma delas.

Aparentemente, há pessoas que quase não têm nódoas negras. Algumas até conseguem estar fora da cama vinte e quatro horas depois.

Algumas pessoas são verdadeiras aberrações.

Agora consigo ouvir a enfermeira na extremidade mais afastada da enfermaria, passando por cada um de nós, demorando o seu tempo para ver se estamos todos bem. Agora que a cortina foi puxada, já não a consigo ver. Só consigo ver para lá dos meus pés e para o

lado direito, em direção à janela. Não consigo ver o que se passa na enfermaria ou no corredor.

A minha visão reduzida cria um casulo que me sufoca e me comprime os pensamentos.

Hão de passar-se pelo menos mais vinte minutos até ver o tal sumo.

Fito a mancha de humidade do teto e tento avaliar se aumentou desde que a examinei há meia hora. Pode ser uma mancha velha, mas quero ter a certeza disso. O seu rebordo irregular espalha-se pelo estuque como um mapa antigo que procura novas aventuras e recorda-me dos livros que li em criança: histórias fantásticas que descrevem batalhas e epopeias através de terras místicas.

Ouçõ uma comoção perto da porta e apoio-me num dos cotovelos, mas sinto a minha respiração a deter-se na garganta.

Escuto os murmúrios à medida que se aproximam.

— É algo sem precedentes.

O meu pai parece confuso; a minha mãe, eficiente. Como sempre. Estão a aproximar-se.

— Invulgar, mas...

— Ela vai ficar destroçada.

É como se se tivessem esquecido de que tenho quase 27 anos, sou adulta e estou aqui, sou capaz — *sê-lo-ei?* — de tomar as minhas próprias decisões.

— Ela irá descobrir de qualquer maneira. Um deles acabará por lhe contar.

A minha paciência esgota-se.

— Contar-me o quê?

A cortina é afastada de repente, antes de o cirurgião espreitar. Fico surpreendida por o ver outra vez.

O sorriso dele desvanece-se; deve ter pensado que eu estava a dormir, a descansar, depois de todo o trauma por que o meu corpo quebrado passou.

— Os seus pais estão aqui.

Depois de declarar o óbvio, desvia-se para o lado.

A cara da minha mãe parte-me o coração e a forma como a mão do meu pai treme quando ele a estende na minha direção deixa-me, por instantes, sem conseguir falar.

Eles estiveram a chorar, mas obrigam-se a sorrir. Alívio, felicidade e esperança substituíram as linhas de preocupação que lhes vincaram os rostos nos últimos doze meses. Apesar de terem pouco mais de 60 anos, parecem mais velhos.

É neste momento que percebo que a minha doença afetou muito mais as pessoas que me rodeiam do que aquilo que pensava. Andava tão imersa na minha própria dor, com a pouca esperança de vida que pairava sobre mim, que me esqueci do que isso representava para elas.

Os meus pais já passaram por tanta coisa — aos três anos de idade, foi-me diagnosticada uma condição cardíaca. E agora isto.

Apesar de não ser muito dado a gestos grandiosos, o meu pai é o primeiro a chegar ao lado da cama, envolvendo-me num abraço como não fazia desde que eu era pequena.

Quando me larga, a minha mãe está a limpar os olhos com um lenço de papel.

Enquanto nos abraçamos, sinto lágrimas a caírem-me no rosto.

— Está tudo bem, mãe, está tudo bem.

A minha mãe envolve a minha mão na dela e aperta-a.

— Tens um rim novo, querida. Os médicos dizem que a operação foi um sucesso e que deves poder ir para casa em breve.

— Como?

Esta não é a pergunta estúpida que talvez estejam a pensar que é.

Há três semanas, disseram-me para me preparar para o pior. Há três semanas, nada disto era um fator na minha vida. Há três semanas, eu já tinha desistido.

Vimos de carro para o hospital em silêncio. A viagem de regresso a casa foi pior — tive de pôr os auscultadores para não ouvir os soluços abafados da minha mãe a sobreporem-se ao rugir do motor do carro.

Agora, o cirurgião é o primeiro a falar.

— As circunstâncias foram invulgares — é a única coisa que ele diz.

— Isso é impossível. Disse-me que não havia esperança.

O meu olhar viaja dele para os meus pais e novamente para ele.

Noto que o meu pai e a minha mãe se entreolham e identifico uma expressão de medo nos olhos deles.

Percebem que devem ser eles a contar-me, porque o cirurgião não o irá fazer. Sabem que não há como regressar deste momento. Que aquilo que estão prestes a dizer-me não poderá ser desfeito, jamais poderá ser retirado.

— Quem? — pergunto, aterrorizada com a resposta assim que a pergunta me sai dos lábios.

A minha mãe abana a cabeça e desvia os olhos; depois, o meu pai acaricia-me o cabelo e diz:

— Lamento, querida. Foi o Simon. O Simon morreu.

3

LISA

O meu pai e a minha mãe saíram daqui há meia hora. Eu não devia saber quem foi o meu dador. Não é assim que isto deve funcionar, mas alguém cometeu um erro e deixou escapar a informação em frente aos meus pais.

Neste momento, deve haver alguém à procura de um emprego novo.

Desde que eles se foram embora que estou a olhar fixamente para a mancha no estuque por cima da cama, a tentar não entrar em pânico.

Ninguém responde às minhas mensagens ou chamadas e eu não tenho redes sociais. Há anos que não as uso.

Os meus pais não me contaram todos os detalhes. De qualquer maneira, estava demasiado perturbada para os ouvir e agora estou zangada comigo mesma. Devia ter perguntado, por muito que me doesse saber as respostas.

Desvio os olhos das minhas mãos cerradas ao ouvir um som arrastado constante e vejo a velhota que está duas camas à frente a passar de chinelos, agarrada ao cabide do soro que lhe serve de apoio.

Questiono-me se ela devia andar de pé a passear por aqui.

As minhas suspeitas confirmam-se quando uma das enfermeiras avança rapidamente na direção dela, muito eficiente e mandona,

a perguntar suavemente o que está a senhora a fazer fora da cama e para onde vai.

— Quero ir para casa.

O lábio inferior dela estremece e eu desvio os olhos, embaraçada. Também quero ir para casa. Quero esconder-me algures e fazer de conta que nada disto está a acontecer e que o Simon ainda está vivo.

A enfermeira conduz a velhota de volta para a cama, convencendo-a a fazer o que ela manda como só os profissionais de saúde conseguem, com uma voz alegre, enquanto lhe entala os cobertores e pousa a mão por cima da sua.

Viro a atenção para a cama à minha esquerda à medida que um ressonar suave sai de baixo de uma camada de lençóis e cobertores. O único sinal de que a cama está ocupada é uma melena de cabelo preto já meio grisalho.

A senhora na cama em frente à minha sorri-me com uma expressão demasiado ansiosa, demasiado calorosa, com as mãos unidas por cima de uma revista de coscuvilhices. Deve querer saber por que motivo estou aqui, o que me aconteceu e todas essas coisas.

Fecho os olhos. Não me apetece falar com ela.

Neste momento, não me apetece falar com ninguém.

Quero recordar o Simon.

Cabelo preto-azeviche, olhos verdes, e a minha primeira paixão de adolescente.

Lembro-me do primeiro dia em que o vi aparecer junto aos portões de ferro que davam acesso ao pátio da escola preparatória, com a mochila sobre um ombro e a gravata de lado, fitando intensamente toda a gente que apanhava a olhar para ele. Enquanto se encaminhava para a sala de aulas, irradiava uma aura rebelde.

Não o suficiente para que os outros fizessem queixa dele, mas para fazer com que todas as cabeças se virassem na sua direção.

A nossa escola era um edifício escuro e rasteiro, o último pavilhão tinha sido acrescentado no início da década de 70, quando as autoridades municipais se aperceberam de como a sua população estava a crescer rapidamente.

As vedações que nos separavam da estrada eram pretas e os portões abriam-se entre dois pilares de tijolo vermelho durante o tempo de

aulas. Um dos portões exibia sinais a proibir a entrada a fumadores e a limitar a velocidade do trânsito a apenas oito quilómetros por hora.

O pátio de asfalto estalado onde fazíamos o recreio ficou em silêncio enquanto o Simon passava, as conversas esquecidas enquanto o observávamos a abrir a porta do edifício gasto e bexigoso que albergava o departamento de ciências e, depois, a desaparecer sem sequer olhar para trás.

Esta recordação faz-me sorrir.

Ele tinha uma covinha ao lado da boca, só do lado esquerdo, nada no direito. Não sorria muitas vezes; pelo menos não daquela forma franca e descontraída como a maior parte das pessoas sorri. Quando o fazia, o seu sorriso tinha um ar frio e calculado, como se ele soubesse algo que nós desconhecíamos e se fosse divertir tremendamente quando o descobríssemos.

Não sei como, mas ele conseguiu fazer o sexto ano todo sem atrair as atenções dos rufias e dos miúdos fixos da escola. Limitava-se a pairar sobre as outras pessoas, era um observador.

Foram precisos seis meses para quebrar o exterior gélido que ele mantinha, e não fui eu que o fiz.

Foi ele.

Eu adorava as aulas de arte. Adorava o facto de poder passar três horas de deleite ininterrupto enquanto criava alguma coisa. Foi ali que encontrei a minha vocação e estava determinada a entrar numa universidade que valorizasse o meu crescente portefólio.

Esta também era uma das poucas disciplinas em que todos nos dávamos razoavelmente bem com o professor. Não me lembro do nome dele, mas tinha por hábito tocar música *rock* dos anos 70 enquanto nós trabalhávamos e isto parecia desencorajar a rebelião dos potenciais reguilas da turma.

Estava eu a tentar usar tinta de acrílico para copiar uma fotografia de uma natureza morta que recortei do suplemento do jornal de domingo do meu pai, quando me apercebi de uma presença junto ao meu cotovelo.

Levantei os olhos e quase deixei cair o pincel, surpresa por ver o Simon ali a pairar, hipnotizado pelo meu quadro.

— Isso é muito bom — comentou ele, apontando para a garrafa de vinho à qual eu tinha acrescentado uma sombra. — Se deres uma pincelada de branco ali, a perspectiva percebe-se melhor.

Se a sugestão viesse de outra pessoa qualquer, a minha reação natural seria contra-argumentar. Porém, era o Simon. Fiquei demasiado chocada com o facto de ele me estar a dizer para fazer o que quer que fosse e segui a sua sugestão.

E, raios o partam, ele tinha razão.

Dei um passo atrás para me afastar do cavalete e, por um instante apenas, senti uma onda de adrenalina ao ver que resultara. Virei-me e vi-o a sorrir amplamente para mim, com a covinha do lado esquerdo escondida.

Retribuí-lhe o sorriso.

— Obrigada.

— Não tens de quê. — Gesticulou para o pincel. — Posso ficar com isso agora? Não há mais nenhum e preciso de um desse tamanho.

Entreguei-lhe o pincel, desiludida com a ideia de que ele só me tinha ajudado porque precisava daquilo.

Mas eu faria qualquer coisa por ele, sem hesitar.

Franzo o sobrolho à medida que uma nova memória do Simon me entra no pensamento; o Simon, que da última vez que o vi estava vivo.

Viro a cabeça para tentar perceber para onde tinha ido a enfermeira, mas não a consigo ver e não quero estar a tocar a campainha ao lado da cama. Já vi como ela e as colegas trabalham tão arduamente nesta enfermaria.

Tento acalmar a frustração, mas ela está aqui, a borbulhar mesmo sob a superfície, a ameaçar transformar-se numa onda de pânico.

O que aconteceu ao Simon?

Porque é que ele morreu?